

Desejos digitais: diálogos do tempo presente.

Resenha de MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online.** 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Argos, 4).

Igor Lemos Moreira*

Novo volume da coleção Argos, publicada pela editora Autêntica, a obra **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line** é a consolidação das últimas pesquisas realizadas pelo sociólogo Richard Miskolci. Baseado no método da etnografia e da perspectiva Queer, o pesquisador, que a anos se dedica ao estudo da sexualidade, desenvolve neste livro uma análise acerca do uso de mídias digitais por homens que procurariam alguma forma de relação sexual com outros homens. Através da perspectiva comparada, o autor tece a sua narrativa investigando aquilo que é compreendido como uma sociologia do desejo ao analisar casos de homens na faixa dos 20 e 30 anos na cidade de São Paulo (Brasil) e de São Francisco (EUA).

Além de prefácio e introdução, o livro é composto por 7 capítulos pelos quais o autor alterna entrevistas e estudos de caso com uma análise sociológica, e também histórica da ideia de sexualidade desde a era vitoriana até nossa contemporaneidade, assim como o impacto dos recursos digitais nas relações humanas. Em especial o autor, que inicia seu estudo com as salas de bate papo online, concentra sua análise nos aplicativos de geolocalização como o Grindr, Tinder e Hornet. É preciso destacar que Miskolci realiza discussões fundamentais, e análises muito semelhantes, a perspectiva da História do Tempo Presente, apesar de não inserir sua obra nesta abordagem. Ao utilizar a atualidade para pensar as relações humanas o autor transita entre as camadas de temporalidades que permeiam nossa contemporaneidade na tentativa de compreender a construção da homossexualidade, os discursos acerca da masculinidade e as formas distintas de relações sexuais entre homens, em especial naqueles que não se identificam como bissexuais ou homossexuais.

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista CAPES-DS e Integrante do Laboratório de Imagem e Som. E-mail: igorlemoreira@gmail.com

A tese principal do autor é que, a partir dos perfis online, seus usuários encontram um espaço “seguro” para relações homoafetivas, apesar de não se identificarem como *gays* ou bissexuais. O meio virtual possibilita a criação de uma zona neutra ou um universo paralelo para conhecimento de outras pessoas que procuram relações com as mesmas intenções que as suas. No caso da maioria dos entrevistados por Miskolci essa relação é uma parceria onde a “masculinidade” e o segredo acerca dos desejos sexuais permanecem intactos. Grande parte dos casos retratados pelo sociólogo são homens de classe média alta, com empregos dominados pelo padrão heterossexual e detentores de imagens públicas as quais, de acordo com os próprios, poderiam se ver ameaçadas caso se descobrisse que estes tinham relações com outros homens. De certo modo, o que se pode observar é que a heterossexualidade, que é tratada como “normal” socialmente, é um pré-requisito na visão dos entrevistados para se sustentar um determinado planejamento financeiro e de carreira.

Essa questão nos leva a um segundo ponto pelo qual o estudo de Miskolci perpassa: A masculinidade. A maior parte de seu estudo aponta para um perfil de usuários dos aplicativos que afirmariam desejarem estarem fora do “meio” homossexual, tema inclusive principal do capítulo 6 intitulado “Discreto e Fora do meio”. Essa afirmação possui duas vias principais, sendo a primeira delas a relação ao pânico geral causado pelo vírus do HIV.

Logo nos primeiros momentos a AIDS foi associada a população LGBT, em especial aos *gays*, levando-a ser chamada, em especial pelos veículos de comunicação, de *A Peste Gay* (DEL PRIORE, 2011). A associação entre a patologia e a população homossexual masculina representou, nos anos 1980 uma sensação de segurança para aqueles que seriam “heterossexuais”. Segundo Timerman e Magalhães (2015), muitos homens que se identificavam como heterossexuais, mas mantinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo aceitavam inclusive estarem imunes ao contágio por não serem homossexuais. Mesmo com a descoberta que a doença era transmitida não apenas pelos fluidos corporais (independente do sexo ou orientação do sujeito), mas também pelo sangue, a associação da AIDS enquanto uma doença das populações LGBTs ao redor do mundo ainda é forte, especialmente por uma memória construída a respeito da doença.

Novamente se aventurando pela associação que poderíamos fazer com os estratos de tempo (KOSELLECK, 2014), Miskolci reflete sobre como através das

entrevistas esse medo de contaminação e a necessidade de afastamento de tal imagem promove no uso desses aplicativos uma segregação e um reforço a ideia de “fora do meio”. A outra dimensão destacada por Miskolci juntamente a ideia de “fora do meio” e de discreto seria o reforço do machismo. Mesmo presente em toda obra é no capítulo 4, “Machos e Brothers” que o autor mais reflete acerca dessa questão, onde observa-se que a noção de macho esta ligada a uma perspectiva construída em torno da virilidade e, principalmente, em contraposição ao feminino. Segundo muito dos entrevistados a cena gay de baladas, de exibições e da cultura pop *não* lhes seria atraente, pois estaria perpassada pelos sujeitos considerados como “afeminados”. Esse termo é utilizado de maneira pejorativa para se referir a homossexuais que não se enquadrariam em padrões ditos como masculinos a partir da perspectiva dos entrevistados. Entre as características estariam: voz afeminada, jeito escandaloso, o rebolar... Características que muitas vezes são manifestadas na palavra “bicha”. É preciso ainda se compreender que a associação de masculinidade dos entrevistados por Miskolci, está associada também a um perfil mais “centrado” e inserido nas normas ditas como “padrões” da sociedade.

A proposta de um estudo comparado entre São Paulo e São Francisco é também fundamental para compreensão das particularidades do cenário brasileiro. O próprio uso dos aplicativos ocorreu primeiramente nos Estados Unidos e, após um processo de importação e início da cultura participativa e da inserção do Brasil na *web 2.0*, os mesmos foram incorporados na sociedade brasileira. Uma das principais diferenças no perfil dos usuários estadunidenses, que ainda repercutem algumas noções de masculinidades semelhantes ao Brasil de acordo com o autor, seriam que estes apesar de estarem mais seguros de sua sexualidade e não enfrentarem tantos problemas lidam com um processo de segregação racial ainda mais visível. Esse processo, que ocorre em ambos os países, funciona de maneira dupla: a “exotização” de latinos e afrodescendentes e juntamente a um preconceito com sujeitos que possuem a marca da cor em seus corpos. Deste modo, além da classe, do gênero e da sexualidade Miskolci levanta que a discussão étnica é fundamental na compreensão dessas novas práticas de sociabilidade online.

Alinhado a perspectiva *queer* de estranhamento da sociedade e de afirmar que as categorias de identificações e os padrões de masculinidade e feminilidade são sócio-historicamente construídos, Richard Miskolci promove um estudo situado entre a História e as Ciências Humanas e Sociais. Com uma narrativa acessível,

usando em alguns casos de recursos quase literários os quais a etnografia lhe possibilita, o sociólogo demonstra como o universo dos aplicativos está relacionado a um passado recente das populações LGBT's no mundo que remonta, inclusive, aos ambientes secretos de encontros entre homens e aos anúncios de jornais. Alterando entre o presente e a segunda metade do século XX, o autor busca construir uma análise das práticas sociais que permeiam os homens considerados jovens e que procuraram relações com outros homens, demonstrando que estas não são fruto apenas de nosso presente, mas que possuem camadas de temporalidades que precisam ser problematizadas. Tais estratos são fundamentais para se compreender não apenas a criação e gestão destas redes virtuais de conexão, mas também seus impactos, significados e implicações no meio social.

Referências

- DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta, 2011.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre a História**. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2014.
- TIMERMAN, Artur; MAGALHÃES, Naiara. **Histórias da Aids**. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2015.

*Recebido Dezembro de 2017
Aprovado em Outubro de 2018*